

## METÁFORAS DOS REFUGIADOS NO BRASIL NA MÍDIA: UM OLHAR DA LINGUÍSTICA COGNITIVO-FUNCIONAL

Lúcia Maria de Assunção Barbosa\*  
Fidel Armando Cañas Chávez

**Resumo:** O presente artigo busca analisar notícias dos anos 2014 e 2015 que abordaram os refugiados no Brasil. Foram selecionadas 10 notícias dos jornais A Folha de São Paulo e O Globo: manchete, primeiros parágrafos da notícia e os comentários dos internautas a respeito das notícias. O nosso objetivo era ver quais metáforas sobre os imigrantes em situação de refúgio no Brasil são acionadas na interação com os internautas e ver como esse grupo específico é retratado pela mídia. Retomamos os pressupostos teóricos da Linguística Cognitivo-Funcional e análises midiático. Assim, autores como Lakoff&Jhonson (1980), Martelotta (2011), Fontcuberta (1993); Rosch & Melvis (1975) elucidam com aspectos como metáfora, linguística funcional, análise funcionalista e teoria dos meios de comunicação social. Os resultados preliminares mostram que os meios de comunicação salientam informações que acionam metáforas específicas nos internautas, ora contra os refugiados, ora contra os próprios brasileiros.

**Palavras-chave:** Linguística Cognitivo-Funcional. Metáforas. Imigrantes em situação de refúgio.

**Abstract:** This paper analyzes breaking News published in the years 2014 and 2015 that addressed the immigrants refugees in Brazil. 10 news were selected from the Folha de São Paulo and O Globo: headline, first paragraphs of the news and comments from Internet users about the news. Our goal was to see which metaphors about immigrants in refugee situation in Brazil are triggered in Internet users and see how this particular group is described by the media. We used the theoretical assumptions of Usage Based Linguistics and media analysis. Thus, authors such as Lakoff & Jhonson (1980), Martelotta (2011), Foncuberta (1993); Rosch & Melvis (1975) shed light on aspects such as metaphor, functional linguistics, functionalist analysis and theory of media. Preliminary results show that the media highlight information that trigger specific metaphors in Internet users are, in one part, against refugees, sometimes against the Brazilians themselves.

**Keywords:** Cognitive-Functional Linguistics. Metaphors. Refugees.

---

\* Lúcia Barbosa é do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília (UnB). Brasília, Distrito Federal, Brasil. [luciunb@gmail.com](mailto:luciunb@gmail.com)  
Fidel Cañas é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, São Paulo, Brasil. [fidel.canas@gmail.com](mailto:fidel.canas@gmail.com)

## 0. Saindo de casa: primeiros passos

*“Se eles soubessem o que deixamos atrás, eles abririam automaticamente as portas para nós”*

Os olhos, cansados, lacrimejando e o tom de voz do homem que expressou essa frase com evidente indignação comoveram a repórter. A notícia descreve um panorama pouco alentador: milhares de sírios sendo atacados com gás lacrimogêneo e jatos de água pelo fato de quererem entrar nas fronteiras húngaras para ir à Alemanha. Hungria era a ponte e, à força, deteve-os.

Os anos recentes têm sido atípicos no tocante aos massivos fluxos migratórios que o mundo está vivenciando. Uma pesquisa no portal Google mostra um resultado de 20.200.000 notícias com as palavras-chave: *refugees in the world* (refugiados no mundo)<sup>†</sup>. Usando as mesmas palavras, em espanhol vemos 331.000 resultados e na língua portuguesa um total de 291.000. No caso das notícias que abordam os ‘refugiados no Brasil’, vemos uma ocorrência de 627.000 resultados. Isso só demonstra a urgência e a emergência do assunto e como está sendo abordado amplamente pelos meios de comunicação social.

Por outro lado, dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) afirmam que Brasil possui cerca de 8.500 estrangeiros reconhecidos como refugiados, além de aproximadamente 12 mil solicitações pendentes de análise por parte do Comitê Nacional para Refugiados (CONARE)<sup>‡</sup>. No mundo inteiro, o número de deslocados e refugiados alcançou em 2014 o recorde de 59,5 milhões de pessoas, em consequência dos vários conflitos no mundo, segundo o relatório anual do ACNUR. Devido a esse expressivo fluxo migratório, novas dinâmicas sociais estão se criando, e, com isso, as formas de compreender uma sociedade, quem somos nós e quem são os outros estão se (re)configurando e (re)estruturando sob uma miríade de opiniões, ora aceitando, ora rejeitando. Isso não é um fenômeno social novo. Fazemos, destarte, referência a alguns autores clássicos da antropologia, sociologia e história no Brasil, como Darcy Ribeiro, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, que nas suas leituras, conseguem fazer uma "interpretação do Brasil" muito válida até os dias de hoje.

---

<sup>†</sup> Levantamento feito pelos autores em novembro de 2015.

<sup>‡</sup> Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/portugues/noticias/noticia/acnur-defende-garantias-para-refugiados-e-apatridas-em-nova-lei-migratoria-do-brasil/> Acesso em 07 de nov. 2015.

Assim, Almeida (2013, p. 8) em uma análise das obras dos autores supracitados, afirma que a diversidade é o elemento central para se entender o povo brasileiro. Os mestiços formam o primeiro momento da diversidade instaurada. A primeira marcante mistura acontece no momento em que se deu o contato entre portugueses e índios, em uma relação dicotômica entre “selvagens” (índios) e “civilizados” (europeus).

Após a resistência indígena em relação à exploração de sua força de trabalho, marcou-se na história do Brasil a chegada dos africanos que trouxeram consigo suas referências culturais. Tempos depois, o país deparou-se com mais referências culturais advindas de imigrantes como italianos, alemães, holandeses, poloneses, japoneses, provocando, assim, um tecido social denso e complexo, que até os dias atuais requer uma séria reflexão. (FREYRE, 1998; HOLANDA, 1995; RIBEIRO, 2014).

A imigração, como já expusemos, não é um fenômeno novo. Fouquet (1974) já o afirmara: “a história da humanidade é a história das migrações e suas consequências”. Tomando em conta o pensamento anterior, podemos afirmar que os refugiados no Brasil, e no mundo, entram na história contemporânea como agentes de mudança e reestruturação da sociedade em que vivemos.

É-nos mister, para fins de precisão conceitual, colocar o seguinte questionamento: qual a diferença entre refugiado e migrante? Em um primeiro momento, compartilhamos a definição que Amado (2013) propõe sobre o imigrante em situação de refúgio:

Todo aquele que necessita deslocar-se para salvar sua vida ou preservar sua liberdade, não sendo protegido pelo seu governo, ou sendo seu próprio governo o autor da perseguição. Se outros países não o acolhem, poderão estar condenando-o à morte ou a uma vida de sombras, sem direitos e sem sustento. (AMADO, 2013).

Essas condições expostas diferenciam a lógica de entrada, permanência, domínio da língua, relações sociais do refugiado que se encontra em um país determinado. E essa lógica multifacetada é retratada, com diversos vieses e níveis de aprofundamento, pelos meios de comunicação social, e partindo disso estabelecemos nosso objetivo geral: ver como o migrante em situação de refúgio é retratado pela mídia, quais metáforas são usadas pelos jornalistas e quais são acionadas na interação com os internautas. Auxiliamo-nos, para tal labor, de *corpus* teóricos advindos da Linguística Cognitivo-Funcional. Como *corpus* de análise, fizemos um levantamento de 10 notícias publicadas pelos jornais A Folha de São Paulo e O Globo, entre os meses de abril de 2014 e novembro de 2015. Decidimos selecionar as manchetes, a parte inicial da notícia e os comentários dos internautas. A pesquisa foi feita

por meio do portal *Google*, inserindo as palavras ‘refugiados’ e ‘Brasil’. Para analisar os registros, veremos o uso de metáforas contidas nas notícias e nos comentários dos internautas; e alinhamentos prototípicos entre relações gramaticais. Amparamos a nossa análise sob o viés epistêmico de origem qualitativo-interpretativista.

O presente artigo, pois, divide-se em três seções: primeiro, discutiremos o referencial teórico-metodológico que sustenta a nossa pesquisa; depois, a apresentação de resultados e, por último, as considerações finais. Decidimos colocar como epígrafe de cada seção trechos da música *Sonho do Imigrante*, de Milton Nascimento e Fernando Brandt, que descrevem desde o momento da ilusão de uma nova vida até a concretização do idílio de morar no Éden retratado como o Brasil.

## 1. Traçando as coordenadas ao sair de casa: percursos teóricos e metodológicos

*A terra do sonho é distante e seu nome é Brasil, plantarei a minha vida debaixo de céu anil.  
Minha Itália, Alemanha. Minha Espanha, Portugal, talvez nunca mais eu veja minha terra natal.*

### 1.1 A metáfora

Frases comuns como ‘você é show!’, ‘esse político é uma raposa’, ‘os jogadores desse time são umas lesmas’, ‘minha ex-namorada é uma sanguessuga’ entram no nosso cotidiano quase ‘sem licença’. Usamos metáforas sempre, ou quase sempre. Para definirmos essa área fenomenológica, Lakoff & Jhonson (1980, p. 36) afirmam que “a essência da metáfora é compreender uma coisa em termos de outra coisa”. Ideias como as supracitadas se valem de outras categorias para serem explicadas, e traduzem conceitos que estruturam a nossa percepção e a forma em como nos relacionamos com o mundo e interagimos com outras pessoas.

Lakoff & Jhonson (1980, p. 358) afirmam, também, que a metáfora é tão importante como se “fosse um dos cinco sentidos, como ver, ou tocar, ou ouvir, o que quer dizer que só percebemos e experienciamos uma boa parte do mundo por meio de metáforas. É parte tão importante da nossa vida como o toque, e tão preciosa quanto”. A partir dessa definição, constata-se a sua influência direta na vida das pessoas. O que os autores mostram nesse trabalho seminal é que a linguagem cotidiana é fundamentalmente metafórica: pensamos metaforicamente e estas metáforas conceptuais são explicitadas pela linguagem.

Assim também, Kövecses (2005, p. 18-19) afirma que há experiências corpóreas (*bodily experiences*) que sofrem repetição constante, são as chamadas *Image Schemata* e incluem experiências de força, simetria, movimento e balanço. São as metáforas mais básicas,

como *a vida é uma viagem e emoções são forças*, que constituem os exemplos para observarmos o quão básicas e repetitivas são as experiências humanas com estrutura básica que proveem um entendimento para abstrações tais como emoções, estados ou a vida. Conseqüentemente, o autor chega à conclusão, baseado nas ideias de Lakoff e Johnson (1980), que essas experiências primárias produzem, portanto, metáforas primárias, vindas de experiências pessoais-sociais quase universais, inerentes a todos os seres humanos (KÖVECSES, 2005, p. 18-19).

No tocante à literatura funcionalista, encontramos autores como Rosch *et ali* (1976) que afirmam que as categorizações que fazemos no mundo concreto não são arbitrárias, mas altamente determinadas. Estas categorizações, ditas de outra maneira, são objetos considerados equivalentes, normalmente designadas por substantivos. Destarte, Martelotta (2011) estabelece que existe uma motivação cognitiva na natureza das estruturas possíveis que compõem a gramática de uma língua. São os seres humanos, afirma o autor, baseado em uma perspectiva hallidiana e givoniana, que negociam os sentidos e os usos por meio da interação: os enunciados são fruto da escolha dos falantes.

O autor afirma também (grifos nossos):

Na base do funcionamento linguístico está, então, nossa capacidade de formar categorias, de agregar essas categorias em diferentes domínios de conhecimento, assim como nossa habilidade de estabelecer relações de semelhança ou analogia entre esses domínios. Isso significa que a estruturação de uma língua reflete na criatividade humana, mas é restrita pelo funcionamento natural de nossa mente. (MARTELOTTA, 2001, p. 61).

Assim, a cognição tem um papel fundamental na hora de pensar nas metáforas, pois há mecanismos essenciais e inerentes aos seres humanos no momento de processamento do discurso, tais como simbolização, transferência entre domínios, armazenamento de informação nova na memória, interpretação, etc. Tomasello (apud MARTELOTTA, 2011) em uma visão integradora do aprendizado e o uso da língua com habilidades sociais e cognitivas, estabelece dois conjuntos de habilidades cognitivas que são de particular importância. É do nosso interesse, neste ponto, o primeiro deles (grifos nossos):

a) Habilidades de busca de padrões:

- a habilidade de formar categorias perceptuais e conceptuais a partir de objetos e eventos similares
- a habilidade de formar esquemas sensório-motores a partir de padrões recorrentes de percepção e ação.

- a habilidade de criar analogias (mapeamentos estruturais) através de dois ou mais domínios complexos, com base na similaridade do papel funcional de alguns elementos desses diferentes domínios.

Para exemplificar, tomemos a palavra “galinha”. Para utilizar a linguagem é-nos necessária a existência de uma categorização do mundo, no sentido *lato*. Sabemos que há centenas de raças de galinhas, de todas as cores, formas e tamanhos. Tendo consciência da ampla diferença, podemos tomar características comuns e colocar todas na categoria “galinha”. Assim, Martelotta (2011) vai refletir que, se víssemos cada espécie de forma individual, como um ser diferente, não teríamos como dar conta de um mundo tão diversificado e, por outro, se déssemos um nome para cada espécie que víssemos, nossa memória não seria suficiente para armazenar tantos nomes.

Além disso, por meio da interação, culturalmente no Brasil, a palavra galinha adota sentido diferente se aplicado a homem ou mulher. Uma pesquisa de origem histórica poder-nos-ia dar insumos para compreender as bases dessa categorização, mas o que nos é relevante por ora é que esse processo de categorização reflete, também, aspectos culturais e socioculturais, já que a linguagem permeia esse processo através da criação de convenções e de símbolos que são aceitos pela comunidade de falantes.

Uma resposta sobre o processo de categorização e a relação entre domínios vem dos autores Rosch & Mervis (1975), que estabelecem o termo “semelhança/ar de família”, similaridade com o protótipo (aquele membro que carrega no seu cerne o maior número de propriedades que caracterizam uma categoria), por analogia e interpretação metafórica, assim, eles estabelecem que:

This principle was first suggested in philosophy; Wittgenstein (1953) argued that the referents of a word need not have common elements to be understood and used in the normal functioning of language. He suggested that, rather, a family resemblance might be what linked the various referents of a word. A family resemblance relationship takes the form AB, BC, CD, DE. That is, each item has at least one, and probably several, elements in common with one or more items, but no, or few, elements are common to all items (ROSCH & MERVIS 1975, p. 574).<sup>§</sup>

---

<sup>§</sup> Este princípio foi sugerido pela primeira vez na filosofia; Wittgenstein (1953) argumentou que os referentes de uma palavra não precisam ter elementos comuns para serem compreendidos e utilizados no funcionamento normal da linguagem. Ele sugeriu que, ao contrário, uma semelhança familiar poderia ser o que vincula os vários referentes de uma palavra. Uma relação de semelhança familiar assume a forma AB, BC, CD, DE. Ou seja, cada item tem pelo menos um, e provavelmente vários, elementos em comum com um ou mais itens, mas nenhum ou poucos elementos são comuns a todos os itens. (ROSCH & MERVIS, 1975, p. 574). Tradução nossa.

## A Linguística Cognitivo-Funcional, relações gramaticais

Existem três áreas fenomenológicas que são de nosso interesse particular: a *estrutura linguística*: o próprio fato de usarmos a língua como sistema simbólico para a comunicação. A *cultura*: diversas possibilidades de construí-la (fenômeno cultural com a sua complexidade interna/externa) variações que tem o fenômeno cultural e as restrições sobre essas variações; e a *cognição humana*: especificamente a estrutura conceitual (conjunto de conceitos que temos na sua complexidade, nas possibilidades, na sua variação e as restrições). Destarte, optamos pela linguística cognitivo-funcional, pois abrange essas três áreas fenomenológicas e não tomamos, por conseguinte, teorias linguísticas que não considerem a cultura e a cognição humana (ou que não as considerem como fundamentais) como o gerativismo, por exemplo.

Amparados no paradigma epistêmico do funcionalismo, vemos que existe uma vasta literatura que estabelece uma relação indissociável entre gramática, cognição e relações socioculturais (GRADY, 1997; DURANTI, 1997; KÖVECSES, 2005). Portanto, partimos da seguinte premissa: na hora de escolher palavras, sentenças, relações sintagmáticas e paradigmáticas, mobilizamos nosso pensamento e cosmovisão. Uma dessas formas de nos colocarmos no mundo é por meio das metáforas, como foi explicitado na seção anterior.

Assim sendo, a análise funcionalista vai além da preocupação exclusiva com a pura competência para a organização gramatical das frases. Ocupa-se, pois, das funções dos meios linguísticos de expressão. Para Furtado da Cunha (2012), o termo Linguística Cognitivo-Funcional de estudo das línguas é também denominada Linguística Centrada no Uso (*Usage-Based Linguistics*). A autora afirma que os principais pesquisadores desta abordagem são Givón, Chafe, Bybee, Thompson, etc., e representantes da Linguística Cognitiva, como Lakoff, Jakobson, Goldberg, dentre outros.

As duas correntes compartilham, segundo a autora, vários pressupostos teórico-metodológicos: como a rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a não distinção escrita entre léxico e sintaxe, a relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação, o entendimento de que os dados para a análise linguística são enunciados que ocorrem no discurso natural.

A gramática, para a autora, é vista como representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a linguagem; portanto, ela pode ser afetada pelo uso da língua. Assume-se, pois, que a categorização conceitual e a categorização linguística são análogas, ou seja, o

conhecimento do mundo e o conhecimento linguístico seguem, essencialmente, os mesmos padrões. (FURTADO DA CUNHA, 2012, p. 29).

Assim, essa dinamicidade na escolha de estruturas linguísticas e categorias prototípicas é fruto da interação dos falantes de uma comunidade. Para dar um exemplo, usemos o que ocorre na mídia: uma manchete com a informação, um texto na notícia e as respostas dos internautas. Sem dúvida, isso é um ato comunicativo. Martelotta (2011, p. 22) retoma dois autores funcionalistas para explicar o que acontece na comunicação entre usuários de uma língua e a criação de novos sentidos:

Traugott e Dasher (2005) afirmam que há uma tendência geral de os sentidos dos elementos linguísticos mudarem, caminhando na direção de uma subjetivização (com aumento da expressividade consequente da perspectiva do emissor) e de uma intersubjetivização (em função de essa expressividade estar voltada para as expectativas do receptor). Isso se deve ao fato de emissor e receptor negociarem sentidos de maneira interativa nos contextos específicos de comunicação, ou seja, o emissor, ao exercer seu turno comunicativo, sugere ao receptor que faça inferências, em busca de novos sentidos a partir do contexto de uso. (MARTELOTTA, 2011, p. 22).

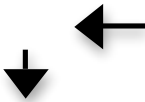
Assim, vemos que as notícias são um convite a que os leitores façam inferências, que busquem novos sentidos no intercâmbio comunicativo. Veremos, na análise, que a estruturação da informação propicia e aciona certas metáforas na interação com os internautas. Portanto, entendemos, como Givón (1995) que a linguagem é uma atividade sociocultural, que a estrutura tem função cognitiva e comunicativa e que o sentido tem uma relação de dependência com o contexto.

Assim, a Linguística Cognitivo-Funcional vai além da análise de estruturas gramaticais, mas não as descarta. Martelotta (2011) ressalta que as estruturas sintáticas das línguas, por hipótese, não podem ser descritas apenas por critérios morfossintáticos ou pelas propriedades semânticas dos elementos que as compõem, já que o significado da construção não equivale à soma dos significados de suas unidades constituintes. Assim, Croft (2001, p. 18 apud MARTELOTTA, 2011, p. 85) propõe o seguinte modelo de estrutura simbólica para uma construção gramatical e análise funcionalista:



## CONSTRUÇÃO

---

Propriedades sintáticas	FORMA
Propriedades morfológicas	
Propriedades fonológicas	
	ELO DE CORRESPONDÊNCIA
	SIMBÓLICA
Propriedades semânticas	
Propriedades pragmáticas	SENTIDO
Propriedades discursivo-funcionais	

---

Fonte: Martelotta, 2011

### 1.2 A notícia e os meios de comunicação: trincheira ideológica

A palavra “notícia” entra no nosso cotidiano de forma natural. Quando perguntamos: “você soube o que aconteceu com Fulano?”; “Você ficou sabendo o que houve ontem à noite?”. Todos, sem exceção, transmitimos notícias uns aos outros. Quando sabemos alguma coisa “nova”, queremos contá-la rapidamente. Se tivermos audiência, sentimo-nos protagonistas. Todavia, se nosso público conhece o fato que considerávamos novo, há certa frustração em nós. De alguma forma ou outra, segundo Fontcuberta (1993, p. 15), reproduzimos a dinâmica dos grandes meios de comunicação social. Num primeiro momento, a notícia devia informar a um público interessado sobre um fato recentemente ocorrido e essa informação devia ser veiculada por meio dos *mass média*. O conjunto de notícias tinha como função retratar, descrever e interpretar os fatos sociais com intuito de formar uma opinião pública.

Nesse sentido, Fontcuberta (1993, p. 15) resgata a máxima: “uma pessoa sem informação é uma pessoa sem opinião” e afirma que esse ditado não necessariamente é verdadeiro, mas esse pensamento tornou os meios de comunicação em protagonistas ativos de um sistema social que em pouco tempo os equiparou em importância aos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário, chegando a ser denominada por autores como Ignacio Ramonet como o “Quarto Poder”.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada pelas Nações Unidas em 1948, estabelece, em seu artigo 19, o seguinte princípio: “Toda pessoa tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente

de fronteiras”. Ou seja, formalmente, temos o direito à liberdade de expressão e o direito de ser bem informados.

No entanto, na prática, observamos que a difusão de informação pela mídia ocorre de uma forma diferente. Há décadas os meios de comunicação têm recebido críticas ao serem considerados como manipuladores da realidade, como tergiversadores dos fatos e questionou-se a aclamada “objetividade jornalística” por teóricos da Sociologia da Produção de Mensagens, uma corrente americana dos anos sessenta que indagava sobre os processos de produção de mensagens dos meios de comunicação, equiparando-os à lógica da industrialização e introduzindo os seguintes pressupostos: o meio de comunicação tem sua agenda (*agenda setting*), suas preferências na organização da informação e a própria concepção de ‘notícia’ amparados por uma lógica de comércio. Assim, todo jornal estabelece o viés que dará ao fato apresentado na matéria dependendo das suas relações com o poder. (vide RAMÍREZ, 1997).

Fontcuberta (1993, p. 18) afirma, também, que os meios de comunicação modificaram o conceito de fato histórico. São eles que apresentam os dados, os acontecimentos. “Eles têm o monopólio da história”, afirma. Por isso, hoje em dia, no jargão jornalístico, ouve-se: “se não está na mídia, não existe”. O jornalismo dá visibilidade, pode levar um político à fracasso, como no caso Watergate, nos anos 70s e pode criar um caos coletivo, como em 1938, quando a transmissão foi subitamente interrompida pela leitura dramática do livro clássico de Wells.

Não é segredo que os meios de comunicação têm presença social: eles manipulam, hierarquizam, estabelecem e direcionam o interesse do público que os lê ou vê. A estrutura que conhecemos hoje das notícias vem da Guerra de Secessão Americana, pois os correspondentes que iam aos campos de batalha iniciaram uma forma de escrever e enviar notícias. Privilegiavam a informação, para eles, mais importante e deixavam os detalhes no final para economizar tempo e rapidez na transmissão dos novos fatos. Essa estrutura é conhecida como Pirâmide Invertida. (FONTCUBERTA, 1993). Por isso, decidimos selecionar os primeiros parágrafos das notícias, pois eles contêm a informação que mais interessa ao meio de comunicação que fique no imaginário social. No caso dos refugiados, as informações conjunturais de guerra, conflitos e dificuldades eram, no 100% do *corpus* selecionado, ampliadas nos últimos parágrafos da notícia.

A respeito das manchetes, Fontcuberta (1993, p. 73) vai afirmar que têm uma importância ímpar. “É a primeira impressão que recebemos do mundo”. E afirma, ainda, que não devemos deixar de pensar que também são um recorte do fato. Um mesmo acontecimento

pode dizer-se de várias formas dependendo do interesse do meio de comunicação. “Se não houvesse manchetes, o leitor não concentraria seu interesse na notícia ou o faria de forma mais dispersa”. (Fontcuberta, 1993, p. 122). A autora apresenta uma taxonomia das diversas manchetes. Focaremos nas manchetes que encontramos no *corpus: Manchetes apelativas*: usam a linguagem para chamar a atenção sobre o fato cujo conhecimento é compartilhado, mas há uma nova informação. São comuns em jornais sensacionalistas, como “Haitiano é agredido até a morte em Santa Catarina”. Há, também, manchetes *amplas*, como “O Brasil está de braços abertos para receber refugiados”, “O Brasil tem hoje 5,2 mil refugiados de 79 nacionalidades”. Para a autora, as manchetes devem estar em tempo presente, como uma regra áurea.

Em suma, a notícia é uma hierarquização de informação ideológica predeterminada, e isso incentivou centenas de pesquisas sobre o estudo do discurso nas mídias, considerado uma das principais formas de reprodução de racismo, estando profundamente relacionado com outras práticas sociais racistas. Um dos teóricos que tem um trabalho amplo com meios de comunicação, imigração e racismo é Teun Van Dijk. Há mais trinta anos, Van Dijk investiga a reprodução do racismo na sociedade por meio do discurso, com especial ênfase no papel das elites nesse processo. O autor pertence a uma abordagem sociocognitiva, baseada na premissa de que os textos não possuem significados próprios, mas sim são atribuídos significados por meio dos processos sociocognitivos daqueles que usam a linguagem. (VAN DIJK, 1991).

#### 1.4 Percurso metodológico

Como expusemos no início, fizemos um levantamento de 10 notícias publicadas pelos jornais A Folha de São Paulo e O Globo, entre os meses de abril de 2014 e novembro de 2015. Decidimos selecionar as manchetes, a parte inicial da notícia e os comentários dos internautas. Decidimos isso porque, como já explicitado na teoria, nos parágrafos iniciais está o âmago da notícia. Também, decidimos transcrever as respostas dos internautas, para ver o processo jornal-internauta e ver quais metáforas eram acionadas.

A pesquisa foi feita por meio do portal *Google*, inserindo as palavras “refugiados” “Brasil”. Para analisar os registros, veremos o uso de metáforas contidas nas notícias e nos comentários dos internautas; e alinhamentos prototípicos entre relações gramaticais. Amparamos a nossa análise sob o viés epistêmico de origem qualitativo-interpretativista.

Dentro das posturas epistêmicas da pesquisa científica, considero que a metodologia de análise se firma no campo da pesquisa qualitativa. Destarte, é-nos fundamental reconhecer que não há separação entre o pesquisador e seu objeto de estudo. A pesquisa qualitativa, pois,

é aquela que enfatiza a realidade socialmente construída, e afirma que existe uma relação íntima entre o pesquisador e o que é estudado, além das restrições circunstanciais que moldam a pesquisa. Em suma, o enfoque qualitativo é fenomenológico, indutivo, descritivo, holístico, e assume uma realidade dinâmica. É importante salientar que na pesquisa desta natureza, não se buscam dados generalizáveis nem replicáveis. (LÜDKE E ANDRÉ (1986) e MOURA FILHO (2010).

A análise foi de tipo documental, centrado no interpretativismo. A epistemologia interpretativista, segundo Schwandt (2006), justifica que a ação humana é inerentemente significativa, pois para que uma ação seja entendida, o investigador deve compreender o significado que constitui essa ação, pois esta possui conteúdo intencional e pertence a um sistema de significados, dentro de um contexto.

Segundo Schwandt (2006) o entendimento/compreensão interpretativista (*Verstehen*) dá-se de várias formas, uma delas é a identificação empática, a qual é a reprodução do significado ou da intenção do autor. É a meta do interpretativista entender que a ação humana faz sentido em virtude do sistema de significado ao qual pertence; portanto, o objetivo-mor, como já exposto, é reconstruir as autocompreensões.

## 2. Um novo lar: apresentação de resultados

*Aqui sou povo sofrido, lá eu serei fazendeiro, terei gado, terei sol, o mar de lá é tão lindo, natureza generosa, que faz nascer sem espinho, o milagre da rosa*

Em primeiro lugar, analisaremos as manchetes das notícias selecionadas:

- (1) Chegada de refugiados muçulmanos muda cidades do interior do Brasil
- (2) Número de refugiados no Brasil quase dobra em quatro anos
- (3) Brasil está de ‘braços abertos’ para receber refugiados, afirma Dilma
- (4) Na Paulista, refugiados protestam contra assassinato de haitiano
- (5) Haitiano é agredido até a morte em Santa Catarina
- (6) Sem programa específico para refugiados, Brasil coloca centenas de sírios no Bolsa Família
- (7) Brasil tem hoje 5,2 mil refugiados de 79 nacionalidades
- (8) Governo vai aumentar vistos para haitianos virem ao Brasil, diz ministro
- (9) Brasil concederá status de residente permanente a 44 mil haitianos
- (10) Nova onda de imigrantes haitianos causa superlotação em paróquia

No caso da manchete (1) vemos o uso do participio “chegada” (sujeito/tópico) substantivado e como quadro resultativo de uma ação, um fato concluído. Esse fato

inamovível é a consequência da mudança das cidades do interior do Brasil (predicado/foco). O que isso poderia revelar? A mudança não teria ocorrido se eles não tivessem chegado. Vemos que “cidades do interior” tem uma função de paciente, pois sofre uma ação e muda de estado pelo agente que está como participio substantivado “a chegada”.

Embora a notícia evidencie em reiteradas ocasiões que o convívio é harmônico e que a mudança caminha à multiculturalidade, as metáforas acionadas nos leitores são as seguintes: Refugiados são: belicosos, provocadores do esgoto em que o Brasil está se tornando, membros do exército vermelho (Partido dos Trabalhadores, PT), pertencentes a uma religião má, assassinos, os que vão proibir que bebamos álcool, os que vão bater nas nossas mulheres e vão proibir minissaias.

Encontramos um caso diferente na manchete (5), que houve uma escolha para topicalizar o paciente (Haitiano) por meio da voz passiva. Os haitianos, como sabemos, são os únicos que tiveram acesso com visto humanitário no Brasil. Esta estratégia faz com que o paciente esteja na posição de destaque, pois é o sujeito/tópico e tem total controle sobre a morfologia do verbo. O agressor, ou agente da ação, é anulado na manchete e só exposto no corpo notícia, os nomes dos agressores não foram revelados, só identificados como “rapazes”. Nesse caso, as metáforas acionadas nos internautas são de outra natureza, pois foram contra os próprios brasileiros. A notícia tinha 36 comentários, dentre os que destacamos: Brasileiros (racistas) são: intolerantes, desconhecedores da história, pregadores de ódio e intolerância, criminosos, covardes, pretensões de país nórdico, povo de autoestima rasteira, povo cuja ética e moralidade convivem no submundo.

Encontramos outro caso nas manchetes (4) e (6) nas quais elementos periféricos da frase foram colocados no começo da manchete: “Na Paulista” e “Sem programa específico para refugiados”. A escolha de colocar elementos que têm a função de adjuntos na sentença demonstra que, para o meio, foi relevante essa organização da informação. Esses elementos não têm função de sujeito/tópico, pois não têm controle sobre o verbo e, a nosso ver, são prescindíveis da informação principal. Visualmente, esses elementos periféricos têm destaque na informação.

Isso provocou metáforas diferentes das anteriores. Ao destacar, “Avenida Paulista”, que é a principal avenida da capital de São Paulo, os internautas não prestaram atenção ao fato de haver uma manifestação de indignação pela morte do haitiano descrito na manchete (5), os comentários foram:

Refugiados são: bagunceiros que protestam em um lugar que não lhes pertence, recém-chegados que se consideram credores, pretexto para criar grupos sem-teto, sem-tudo, possível ameaça para a classe média, possíveis perturbadores da ordem.

O caso do “Sem programa específico”, os internautas só comentaram a respeito do programa Bolsa Família, implementado pelo governo brasileiro desde o ano 2003. Neste caso específico, as metáforas dos refugiados foram vinculadas com uma parte do Brasil que, também, é alvo de preconceito: o Nordeste.

Nordestinos são: parasitas, povo que merece receber ajuda do governo, povo que mama das tetas do governo, povo que só escuta Ivete Sangalo e Calypso e assiste à novelas, povo que come mortadela e buchada de bode, incultos, povo que recebe caridade do governo a custa dos outros, dignos de serem fuzilados, povo que tem inelegibilidade eleitoral, povo humilde, de baixa escolaridade, que não consegue lutar contra as amarras do Bolsa Família e de seus captos, não respeitados pelos sulistas.

Refugiados são: povo sofrido, dignos de receber dinheiro do governo brasileiro.

Nas manchetes (8) e (9) vemos uma preferência pelo futuro nas suas formas simples e imediata, sendo a (8) uma citação direta do Ministro e a (9) como uma asseveração de um fato que vai ocorrer. Embora ambas as decisões sejam do governo, em uma optou pelo sujeito/tópico “Brasil” e em outra optou pelo sujeito/tópico “Governo”. Embora ambos os verbos principais das manchetes estejam no modo indicativo, ainda desperta uma sensação de que “poderia não acontecer” e “poderia ser evitado”. Daí que os comentários dos internautas refletem isso:

Refugiados são: (Sujeito/tópico Brasil): portadores de Ebola, exército do Lula, futuros votos para o PT (após uma matemática de imigrantes+500 filhos cada haitiano+famílias), eleitores do PT.

Refugiados são: (Sujeito/tópico Governo) perigosos, promovem genocídio contra os brancos (presidenta é burra e estúpida), haitianos inúteis, bandidos, negros famintos, parasitas, portadores de doenças, miséria, viciados, povo que deve ir à América (o presidente é ‘um deles’=negro), imigrantes parasitas, povo feio, povo que só vem com a roupa do corpo, povo que faz 500 filhos, jogam fora a nossa comida que é de graça, guerrilheiros do PT, povo que vai roubar os empregos dos brasileiros.

As manchetes (2), (3), (7) e (10) apresentam relação gramatical semelhante, só destacamos a manchete (10) que tem o sujeito/tópico “nova onda de imigrantes” e o predicado/foco “superlotação em paróquia”, que vemos uma espécie de relação de agente/paciente, na qual a onda de imigrantes modificou o estado da paróquia, causando

superlotação, desordem e mudança. Nas demais, vemos um sujeito/tópico e uma ação “dobra”, “está”, “tem”, que denotam estados, momentos específicos de um contexto determinado. Não vemos uma relação de agente/paciente nelas. As metáforas acionadas nos internautas são as seguintes:

Refugiados são: mendigos e terroristas, possíveis criminosos, alvo do cinismo do PT, gente do primeiro mundo (ironia), produto de exportação do Acre, futuros eleitores do PT.

### 3. Vida nova, desafios novos: considerações finais

*O frio não é muito frio nem o calor é muito quente, e falam que quem lá vive, é maravilha de gente.*

O objetivo do presente trabalho preliminar foi mostrar quais são as metáforas que retratam os imigrantes em situação de refúgio no Brasil. Vimos, ao longo do texto, que existem, partindo do *corpus* selecionado, pelo menos três tipos de metáforas: contra os refugiados, contra os nordestinos e contra o próprio brasileiro. Auxiliamo-nos da Linguística Cognitivo-Funcional para fazer uma análise preliminar da estrutura: é ela que nos dá elementos para ir à semântica e à pragmática.

Ser-nos-ia difícil afirmar que o jornal *online* esperava esse tipo de comentários, no entanto, percebemos que a forma de hierarquizar a informação e de apresentar os fatos despertou essas diversas metáforas nos imigrantes. Não há dúvidas que um meio de comunicação social possui uma ideologia, mas não podemos afirmar que as notícias foram perpetradas por esses jornais para provocar essas reações. Faltariam mais elementos de análise para isso, mas podemos concluir que se espera, sim, que haja inferências, subjetivizações, legitimações no texto jornalístico e que gere resposta dos leitores.

Um aspecto que vale a pena salientar nas notícias é que a informação que evitaria a rejeição, que poderia fazer refletir o leitor, que coloca os motivos da saída dos refugiados e a situação dos países em conflito, só é retratado nos últimos parágrafos do texto. Autores como Fontcuberta (1993) vão afirmar que, ao hierarquizar a informação, as últimas linhas do texto são ignoradas, pois o que o jornal quer o que o leitor saiba está no começo da notícia e no final encontra-se o dado prescindível.

Um ponto que merece análise e quiçá permita futuras pesquisas é a relação dos arquétipos feio (negro) / migrante – bonito (branco) / migrante. Essa oposição teve uma alta frequência no *corpus* selecionado, ao afirmar que os brancos oriundos da Rússia, Austrália, França, Alemanha são os que deveriam vir para “embelezar” o Brasil. As pessoas de origem

negra não são bem-vindas, pois são pessoas feias, de péssimos costumes e procriadores desenfreados.

Como conclusão, não podemos mudar o panorama atual se não tomarmos consciência de quem somos e quem fomos. Acreditamos que, antes de pensarmos em políticas linguísticas para refugiados e levantar bandeiras, devemos questionar nosso passado, ver os processos históricos que nos configuraram para, assim, evitar cometer os erros do passado, como Eduardo Galeano, certa vez, afirmou: *la historia es un profeta con la mirada hacia atrás: por lo que fue, contra lo que fue y anuncia lo que será.*

## Referências

ALMEIDA, A. P. O povo brasileiro sob a ótica de alguns pensadores das ciências sociais. Acta científica xxix congreso de la asociación latinoamericana de sociología 2013, facso, sociored Chile y Asociación Latinoamericana de Sociología. Disponível em: <http://actacientifica.servicioit.cl/menualast.html> Acesso em 20 de nov. 2015.

AMADO, R. O Ensino de Português como Língua de Acolhimento. Sociedade Internacional de Português Língua Estrangeira. Vol. 7, 2013. Disponível em: <[http://www.siple.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=309:o-ensino-de-portugues-como-lingua-de-acolhimento-para-refugiados&catid=70:edicao-7&Itemid=113](http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=309:o-ensino-de-portugues-como-lingua-de-acolhimento-para-refugiados&catid=70:edicao-7&Itemid=113)> Acesso em 09 de nov. 2015.

DURANTI, A. Linguistic Anthropology. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. Fontcuberta, M. La Noticia: pistas para percibir el mundo. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, S. A., 1993.

FOUQUET, Carlos. O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil (1808-1824-1974). São Paulo: Instituto Hans Staden/ Federação dos Centros Culturais, 1974.

FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998, 34ª edição.

FURTADO DA CUNHA, M. A Linguística Centrada no Uso (Ou Linguística Cognitivo-Funcional). In: SOUZA, M; MORAES, A; NASCIMENTO, H; TEIXEIRA, M; NASCIMENTO, R. (Orgs.) Sintaxe em Foco. Recife: Coleção e Letras, 2012.

KÖVECSES, Z. Metaphor in Culture: universality and variation. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

GIVÓN, T. Funcionalism and Grammar. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GRADY, J. Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes. Tese de Doutorado, University of California, Berkeley, 1997.

HOLANDA, S. B. De. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.



LAKOFF, G; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago, University of Chicago Press, 1980.

MARTELOTTA, M. *Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

MOURA FILHO, A. *Pelo inglês afora: carreira profissional e autonomia na aprendizagem de inglês como língua estrangeira*. Belo Horizonte, 2005, 281 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.

RAMÍREZ, M. *La sociología de la producción de noticias: hacia un nuevo campo. Comunicación y Sociedad (DECS, Universidad de Guadalajara)*. Vol. 30, mayo-agosto, 1997, p. 209-242.

RIBEIRO, D. *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia do Bolso, 2014.

ROSCH, E; MERVIS, C. B. *Family resemblances: Studies in the internal structure of categories*. *Cognitive Psychology* vol 7. 1975.

ROSCH, E; MERVIS, C.B; GRAY, W.D; JOHNSON, D.M; BOYES-BRAEM, P. *Basic objects in Natural Categories*. *Cognitive Psychology* 8, 382-439, 1976.

SCHWANDT, T. *Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social*. In DENZIN, N. K. , LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre, Bookman e Artmed, 2006.

VAN DIJK, T. *The interdisciplinary study of news as discourse*. In: BRUHN-JENSEN, K.; JANKOWSKI, N. (Eds.). *Handbook of Qualitative Methods in Mass Communication Research*. London: Routledge, 1991.

Artigo recebido em: 06/02/2018.

Artigo aceito em: 14/05/2018.

Artigo publicado em: 02/08/2018.